O drama do homem moderno na figura de João Ternura

TAÍSA PEREIRA FERREIRA MENDES*

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar a obra *João Ternura*, de Aníbal Machado, encerrando como principal fundamentação teórica aquilo que Georg Lukács chamou de romantismo da desilusão. Esta teoria consiste, sobretudo, na afirmação da fragmentação e da solidão do sujeito moderno, dada a perda da sua totalidade e pelo conflito entre mundo interior e exterior. Ternura torna-se este homem que Lukács descreve na medida em que se passam os anos de moradia no Rio de Janeiro e o contato com a modernidade aprofunda-se. Consequentemente, ele transforma-se em um indivíduo mais solitário e mais desiludido, voltando-se completamente para o seu mundo interior.

Palavras chave: modernidade; fragmentação; romantismo da desilusão; Georg Lukács.

Abstract

This study aims to analyze the shell work João Ternura, of Aníbal Machado, closing as the main theoretical what Georg Lukács called romanticism of disillusionment. This theory is, above all, in the assertion of fragmentation and loneliness of the modern bloke, given the loss of the totality and the conflict between internal and external world. Ternura becomes this man that Lukács describes as the years pass that housing in Rio de Janeiro and the contact with modernity deepens. Consequently, he becomes an individual more lonely and disillusioned, turning completely to your internal world.

Key words: modernity; fragmentation; romanticism of disillusionment; Georg Lukács.

* **TAÍSA PEREIRA FERREIRA MENDES** é mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia.

Ternura e a desilusão com o Rio de Janeiro

No clássico livro *A teoria do romance* (2000), Georg Lukács faz um estudo da trajetória da literatura universal até chegar aos tempos modernos. Sendo assim, de acordo com sua análise, o tempo da Grécia Antiga foi o tempo do homem em harmonia com o universo, alma e mundo se integravam e atribuíam total sentido à vida. Havia a totalidade do ser na sociedade grega, época também em que o mundo era homogêneo e não havia filosofia. Com o advento desta última e da produtividade do espírito, há uma quebra na interação entre eu e mundo, interior e exterior, ou seja, na totalidade, e esta ruptura vai aumentando até o ponto em que o indivíduo não é mais capaz de "transformar em ação aquilo que é objeto de sua reflexão, o mundo se torna inadequado e estranho" (MARTINS, 2008, p. 268).

Lukács explica que as transformações pelas quais passou o nosso mundo fizeram com que ele tornasse muito maior e mais rico em dádivas e perigos do que o grego. Contudo, essas transformações não alcançaram a totalidade que trazia consigo o sentido positivo e depositário de suas vidas. Essa totalidade do mundo grego da qual o teórico húngaro discorre, era a natural das esferas metafísicas e foi perdida para sempre, consequentemente, a totalidade moderna é uma totalidade criada, artificial. Como resultado deste quadro, no Novo Mundo ser homem significa ser solitário e desiludido, e é sobre este novo indivíduo que Lukács trata no capítulo *O romantismo da desilusão*. Neste estudo é desenvolvida uma relação entre alma e realidade, que é aquela em que a alma é "mais ampla e mais vasta que os destinos que a vida lhe é capaz de oferecer" (LUKÁCS, 2000, p.117).

Outro pesquisador que se debruçou sobre a modernidade e suas contradições e ironias, produzindo excelente trabalho, foi Marshall Berman. No livro *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1986), o autor trata das preocupações e consequências da era moderna ilustradas em clássicos da literatura universal. Segundo ele, os personagens destes textos ao mesmo tempo em que anseiam por mudanças em seu interior e no mundo exterior, temem pela fragmentação, pelo individualismo e pela desorientação da modernidade.

O romance de 30 no Brasil demonstrou ser um amadurecimento daquilo que foi o modernismo da década de 20. Neste momento da nossa literatura houve um intenso aumento do espiritualismo, atendendo ao desejo destes intelectuais de aprofundar mais o aspecto humano e de atentar para o destino do homem, assim como visto em Lukács e Berman. Aníbal Machado foi um destes escritores. Ao compor seu único romance, *João Ternura*, que faz parte do conjunto de obras desta década, ele fez de seu protagonista a representação destes dramas do homem moderno, o mesmo homem moderno do "romantismo da desilusão".

João Ternura quando criança viveu na chácara dos pais. Ali, ele era livre, vivia em pleno contato com a natureza, era paparicado e superprotegido por toda a família e fazia de tudo uma aventura. Não havia dificuldades ou qualquer problema com que preocupar-se, mas eis que ao encarar a realidade da cidade moderna a sua forma de compreender o mundo transforma-se completamente. Ao atingir sua maioridade e mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro, que naquele momento era a capital do país, Ternura vai em busca de seu destino, de alcançar coisas grandes, mas se vê no meio de um turbilhão de pessoas, veículos e barulhos, e sente-se completamente estranho e alheio a tudo aquilo:

> "Trinta e nove graus à sombra. Turbilhão de fogo e gente. Não imaginava fosse tanto assim. Desde quando aquela explosão, aquele tumulto?
>
> Carros velocíssimos. Apelos difusos no ar. Promessas... O olhar das mulheres... 'Psius' soprados não se sabia de que janelas.
>
> Onde o núcleo do delírio, o local da festa?
>
> Não era convidado, sentia-se estranho. Entrou como penetra.
>
> Insônia, turbilhão..." (MACHADO, 2004, p. 103)

E até o final de sua vida, Ternura nunca será capaz de se adaptar à vida no Rio de Janeiro, ou, mais além, à vida que a modernidade lhe exigia, seu mundo era mais rico e mais amplo do que aquilo. Toda a sua trajetória na cidade é marcada por tentativas de preencher as lacunas que aquele mundo lhe impingia, reflexões e monólogos interiores que tentam buscar a sua essência e o sentido de sua vida. Segundo Georg Lukács, esta é uma realidade profundamente mergulhada no seu interior, que a todo o momento está em disputa com a realidade exterior, e o herói deste romance moderno possui uma vida interior própria, rica, dinâmica e autossuficiente. A conversa que Ternura tem com o mar - assim como as citações ao longo deste estudo - revela um pouco desta sua interioridade dinâmica, uma espécie de monólogo, em que ele desabafa sobre o seu sentimento de não pertencimento, de desterritorialização: "Mar, o que eu queria te dizer é que pertenço a uma espécie aborrecida que não escolhi. Posso um dia optar pelas tuas águas? Mergulha-se e fica... Ninguém vai notar a ausência..." (MACHADO, 2004, p.107).

Outro aspecto do herói desiludido é a tendência à passividade, ele evita conflitos externos, apenas os observa e reflete sobre eles. Com isso, a obra tende a dar ênfase à análise psicológica, para as reflexões e estados de ânimo, e o seu mundo exterior é esvaziado de sentido. No caso de nosso protagonista, ele não é atuante na sociedade e um verdadeiro *voyeur* da cidade, que é guiado pela vida sem esboçar qualquer resistência. "Ternura seria incapaz de promover desordens na rua ou onde quer que fosse. Sua desordem é interior" (MACHADO, 2004, p. 289). Exemplo disso é a sua entrada na revolução que é por acaso, quando ele ia apenas dar uma espiada na praia de Copacabana, e se depara com o túnel fechado pelos militares, que já vão logo lhe dando uma arma e empurrando-o rumo ao conflito. Em um parágrafo Paulo Rónai sintetiza a figura de João Ternura e confirma a sua figura desiludida e inerte em relação ao mundo exterior.

> "Quem é afinal João Ternura? Um ser antissocial, mas sociável, malicioso e inocente, instintivamente livre e sensual, brincalhão e irresponsável, que,

> sem nenhuma vontade de brigar, tem que enfrentar o mundo em que o seu nascimento o atirou. Criatura fundamentalmente passiva, entrega-se ao acaso e se deixa arrastar pelos acontecimentos sem esboçar o menor gesto de defesa. É o espectador nato para quem tudo é representação, inclusive a própria existência." (RÓNAI, 1990, p. 106)

No estudo do romantismo da desilusão, Lukács explica este estado do sujeito e sustenta a ideia de que o mundo exterior está tomado pelas convenções, conveniências e leis que são vazias de sentido para o indivíduo, e nas quais ele não encontra correspondência com a alma. Para Marshall Berman (1986) a modernidade é feita de paradoxos e contradições, que igualmente resultam nesta condição da alma de que fala Lukács. Segundo ele é "impossível agarrar e envolver as potencialidades do mundo moderno sem abominação e luta contra algumas das suas realidades mais palpáveis" (BERMAN, 1986, p. 13). O que Lukács chama de homem fragmentado no romantismo da desilusão, Marshall Berman chama de homem desacomodado no estudo da modernidade. Para este teórico este homem desacomodado é aquele para o qual só restou a própria vida, e que estando assim, ele tem a possibilidade de encontrar a verdade nua deste mundo, e descobrir quem realmente é.

Logo, os elementos da vida social perdem todo o seu sentido: profissão, casamento, classe social, etc. O seu destino é ser um homem isolado, solitário, já que desde o início todos estes elementos e relações já estavam rompidos. Esta subjetividade profunda, que se basta e tem vida própria, é um ato de resistência e recusa a se realizar no mundo exterior. No início de sua nova vida na cidade grande, quando enfrenta seu primeiro obstáculo, tentando conseguir um emprego, Ternura vai até o primo Bernardo, que é rico e bem estabilizado na cidade, com uma carta de recomendação dos pais, porém, a resposta que ouve do primo é uma mescla de negação ao emprego a uma lista de orientações de como poder ter sucesso e prosperidade na então capital nacional. A fala na realidade acaba por descaracterizar o sujeito, acentuar o anonimato e a impessoalidade. Características que a modernidade impõe ao indivíduo.

> "- Não vai ser tão fácil como imagina. Primeiro você terá que arranjar outro físico, ou melhorar esse que tem. Engorde. Adquira alguns quilos, muitos quilos a mais... Precisa ter presença... Vá metendo os peitos! Mas respeitando sempre as autoridades. Eu me refiro às autoridades, não às leis... Não seja como seu pai que tem mania de escrúpulo. Fale devagar. E com firmeza, mesmo que não tenha nenhuma convicção. Vista-se melhor. E frequente boas rodas. De preferência, os importantes. E apareça daqui a alguns meses. Mas engorde, primeiro." (MACHADO, 2004, p. 106)

Ante estas recomendações, que lhe exigiam não apenas mudanças físicas, mas também éticas, morais e comportamentais, Ternura percebe que será impossível completar todos os requisitos desta lista, e acaba por viver da pequena pensão que o avô mandava e do trabalho na gráfica do amigo Manuel, no qual apenas aparecia quando precisava de dinheiro.

Esta passagem evidencia um aspecto muito característico da sociedade brasileira que adveio com a modernidade, citado por Sérgio Buarque de Holanda em *O Homem Cordial* (1995), e que o personagem

sofre na pele, que é o fato de que no Brasil os serviços se faziam de acordo com o crédito e a segurança pessoal que o sujeito tinha, e não levando em consideração as suas habilidades técnicas ou conhecimento adquirido, o que seria mais correto num Estado burocrático. Para o autor do texto, esta seria uma das consequências do fundo familiar brasileiro, que privilegiava laços de sangue, com a diferença que este laço não precisa mais ser de sangue, mas sim de confiança. Muitos destes privilégios acontecem entre aqueles que têm interesses em comum e que têm algo a ganhar em troca do favor. Este foi o caminho que o brasileiro encontrou para se adaptar à era moderna, às novas condições de trabalho e às novas relações humanas. Sérgio Buarque de Holanda diz que

> "No Brasil, onde imperou, desde os tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem ainda hoje" (HOLANDA, 1995, p.145).

José Miguel Wisnik considera que o estudo de Holanda no livro *Raízes do Brasil* (1995) traz a contradição do nosso hibridismo racial, deste homem cordial, guiado pela mais pela emoção do que pela razão, com o nosso grande esforço em tentar nos adequarmos e nos inserirmos no mundo moderno e industrializado. Wisnik faz uma crítica ao país em *Bola ao alto*, texto incluído no livro *Veneno Remédio* (2008), afirmando que este se viu "condenado ao moderno" sem ter construído ao longo de sua história um caráter nacional, uma alma coletiva constituída da nossa cultura e tradição originais, e restou ao brasileiro inventá-la. Modernidade falsa, por conseguinte, que veio forçada e que nunca atingiu uma plenitude na cidadania.

Por meio da experiência com o primo, Ternura comprova, igualmente, como a aparência era um diferencial naquela sociedade para ser ouvido e respeitado, o que pode ser notado na sua "Oração para ficar grande".

> "Senhor, ao menos mais 15 (quilos), como quer o meu primo.
>
> ...para que não pareça tão insignificante e coiozinho,
>
> Para que as forças do mundo passem também por mim, para que eu participe das coisas com naturalidade e alegria, sem orgulho e sem humilhações,
>
> Para que a minha voz seja mais forte, pois até agora, mesmo dizendo verdades, não há jeito de ninguém me escutar,
>
> Para que, aumentando a minha presença corporal, eu ofereça campo, matéria em que agarrar (...)" (MACHADO, 2004, p. 121)

Desiludido com as suas possibilidades e com o mundo, João Ternura no episódio do mar, citado acima, joga todas as suas cartas de recomendação fora. Ele chega à conclusão de que o predominante naquela sociedade é o individualismo, que faz com que todos ignorem uns aos outros, se isolem por completo, o que contribui ainda mais para a solidão de todos. Nosso herói ainda arrisca ter uma esperança ao participar do carnaval pela primeira vez, quando vê que as pessoas não estão presas às conveniências do dia-a-dia. Todavia, decepciona-se logo em seguida quando tudo volta a ser como era antes. Para ele, o carnaval depois torna-se apenas uma data no calendário, já que o sentido da vida não

poderia ser depender de agitações sincronizadas e ajustadas do mundo exterior, e muito menos de festas marcadas dos homens.

A luta entre realidade interior e exterior

O dilema utópico apresentado por Lukács é, logo, o mesmo vivido pelo protagonista de Aníbal Machado:

> "em que medida a possibilidade de pensar um mundo melhor justifica-se eticamente, em que medida é possível construir sobre ele, como ponto de partida da configuração da vida, uma vida que seja perfeita em si e não apresente, como diz Hamann, um buraco em vez de um final" (LUKÁCS, 2000, p. 120)

Esse descontentamento com a situação presente, a sua fragmentação enquanto indivíduo, não pode satisfazer-se, ela é incapaz disso; tampouco a simples fuga do presente para o passado pode trazer paz ao espírito. O homem do romantismo da desilusão está fadado ao fracasso, tudo o que ele tentar na realidade exterior não lhe trará o sentimento de totalidade. E quando ele está mergulhado em sua interioridade, no mundo com qual realmente importa-se, ele toma consciência disso, da sua eterna derrota no mundo exterior, conforme afirma Georg Lukács,

> "A interioridade conflui em si mesma, mas jamais pode renunciar em definitivo ao perdido para sempre; pois, mesmo que o queira, a vida lhe nega toda a satisfação dessa sorte: ela a força a lutas e, com estas, a derrotas inevitáveis, previstas pelo escritor, pressentidas pelo herói." (LUKÁCS, 2000, p. 124)

Esta é uma característica que preponderou entre os romances da década de 30, e na obra em questão: a figura do fracassado como protagonista. Para Sérgio Buarque de Holanda (1995), o brasileiro já havia sido tomado pelo sentimento de desencanto com a realidade e com as condições de vida. Por consequência, o herói deste novo romance porta seu valor apenas em si mesmo, todo o seu significado está voltado para a sua alma. Em fala de Ternura para Josias, seu amigo, ele demonstra mais uma vez – assim como no desabafo com o mar - que se sente diferente de todos, e percebe-se, mais uma vez, como ele está perdido e à deriva de seu destino na cidade carioca: "- A vida que os outros aceitam e estão vivendo me parece cada vez mais absurda. E eu não queria ser diferente dos outros. Me parece que eles é que têm razão." (MACHADO, 2004, p. 281) Em outro fragmento Arosca e Manuel, ambos amigos de João, comentam como este é alheio à tudo, e vive num mundo fantástico, de pura reflexão e imaginação. Arosca diz:

> "- E você pensa que ele vai se corrigir? Duvido. É possível que um dia ainda abra os olhos. Isso a poder de muita cabeçada. Precisa primeiro sofrer na pele, levar trancos. Mas esse diabinho parece que não sofre, nem toma conhecimento da realidade. Não analisa os fatos, não raciocina. Falta-lhe espírito objetivo. (...) é de uma inocência que desarma. Um tipo ao mesmo tempo frágil e forte." (MACHADO, 2004, p. 176)

Mais ao final da obra, é Josias quem reflete sobre o amigo consigo mesmo: "Mas aquele ar atento à vida, a sua indiferença para com a maioria dos personagens que pareciam importantes; seu gosto de viver e suas reações surpreendentes faziam suspeitar nele um sujeito diferente, esperando a vez." (MACHADO, 2004, p. 287)

Dessa interioridade profunda advém o sentimento de que apenas ela é a sua mais pura e única essência, e, portanto, descobre-se a sua inutilidade existencial no todo do universo: "somente na subjetividade imperturbada pelo exterior há existência" (LUKÁCS, 2000, p. 124). A realidade exterior está fragmentada e tudo que diz respeito a ela é negação, visto que a sua afirmação levaria à aceitação e acomodação perante esta mesma realidade e ao esvaziamento de ideias. No fragmento destacado em seguida, observa-se estes aspectos e a angústia e a desilusão de João Ternura, uma síntese do romantismo da desilusão, a sua interioridade levada a um extremo.

> "Seguiu-se um tempo de depressão.
>
> Escondia-se para não expor aos outros o seu cartaz de tristeza. Teve receio de encontrar-se com Matias ou mesmo com Manuel.
>
> As crises se repetiam. Como livrar-se daquela sensação de vazio que lhe subia das raízes do ser? De que combinações do corpo e do espírito se forma a angústia?
>
> Aquele desfilar de sombras no pensamento, nenhum fato ou circunstância exterior explicava.
>
> Falhara nos últimos tempos a sua faculdade de passar-se para as coisas.
>
> A ironia de Arosca tinha fundamento. Não mais diria 'eu gosto da vida'.
>
> Afinal, que adianta gostar ou não gostar da vida? O principal é tê-la no sangue, na alma, seguir com ela o mesmo ritmo de movimento. Alarmou-se com a interrupção." (MACHADO, 2004, p. 284)

Este excerto está localizado mais ao final do livro e demonstra como ele já havia se voltado completamente para a sua realidade interior, para aquilo que era do espírito, e como houve a tomada de consciência do seu fracasso naquele mundo onde ninguém o compreendia; igualmente, como ele havia se tornado, irreversivelmente, o herói do romantismo da desilusão de Lukács.

Contudo, aquilo que faz com que o abismo entre eu e mundo, entre ideia e realidade seja mais profundo, é o tempo. Georg Lukács deixa claro que essa máquina ininterrupta e desenfreada, o tempo enquanto duração, é a maior frustração do sujeito moderno na sua tentativa de autoafirmação, dado que ele não pode resistir ao seu constante decurso. Na visão do húngaro, somente o romance pode dar conta de exprimir o tempo real, apenas nesta forma moderna a personagem sofre uma mutação intrínseca pela ação do tempo.

> "Somente no romance, cuja matéria constitui a necessidade da busca e a incapacidade de encontrar a essência, o tempo está implicado na forma: o tempo é a resistência da organicidade presa meramente à vida contra o sentido presente, a vontade da vida em permanecer na própria imanência perfeitamente fechada. (...) No romance, separam-se sentido e vida, e portanto essencial e temporal; quase se pode dizer que toda a ação interna do romance não passa de uma luta contra o poder do tempo. No romantismo da desilusão, o tempo é o princípio depravador." (LUKÁCS, 2000, p. 129)

João Ternura em diversas passagens de suas reflexões, monólogos e conversas com os amigos mais próximos, expressa este mesmo sentimento em relação ao tempo, de que este está sempre passando rapidamente, e de como no passado não costumava ser assim. Acima de tudo, o tempo está passando velozmente, ele está ficando cada dia mais velho e não consegue realizar-se

como indivíduo. No fim da vida, surpreende-se ao notar que ainda continua fragmentado, sozinho, sem ter encontrado a razão de viver. Após ter lutado, buscado tanto sua totalidade e não a ter alcançado, ele se torna um desiludido.

> "- Antigamente não era assim; o tempo quase parava. Na frente... Esperando a gente... Pronto para os acontecimentos!... Mal se ouvia então o barulho dos dias, o fechar das noites. Isso antigamente...
>
> E agora? Olha só, Manuel, como o tempo disparou! (...)coisas que pareciam distantes vieram de repente para perto. E não são aquilo que a gente supunha... Oh, frias, mortas!... Parece que estamos fechados, não é? Que demos de nariz numa muralha." (MACHADO, 2004, p. 173)

Ainda discorrendo sobre o papel do tempo no romantismo de desilusão, Georg Lukács afirma que o tempo é a plenitude da vida, e que como recompensa da totalidade entre eu e mundo, está não somente o sentido da vida, mas também a sua plenitude, portanto, a vitória sobre o decurso constante do tempo. Desta forma, a esperança e a recordação, passam a ter lugar privilegiado na vida deste sujeito, logo que, estes são os sentimentos que proporcionarão a mínima distância entre ele e sua essência, sua totalidade: "tudo o que ocorre é fragmentário, triste e sem sentido, mas está sempre irradiado pela esperança ou pela recordação" (LUKÁCS, 2000, p. 133). No trecho abaixo, João Ternura lembra-se da chácara da infância e consegue compreender que a sede de vida e de respostas que o impeliu a sair da casa dos pais somente lhe trouxe frustração, ele nunca conseguiu alcançar aquilo que a sua alma requeria dele, a sua razão de ser.

> "(...) de que noite estaria acordando?
>
> Não era de nenhum sono na cama ou em mesa de bar: parecia antes o despertar, dentro da memória, de uma noite de muitos anos.
>
> (...)
>
> Sob o céu do oeste, à beira de um rio, a chuva há muito vem saindo sobre os ossos de uma chácara abandonada. Sim, os anos teriam de correr... correram – e ele não percebia. Agora, está vendo nos destroços os sinais da passagem e velocidade dos anos. Agressão do passado. Por que se revela de uma só vez tudo o que vinha se desmanchando em sigilo e devagar?
>
> Ah, cadáver do mundo, vegetações da ausência!...
>
> E tanto tempo a esperar a coisa, o grande segredo, a razão de ser! (MACHADO, 2004, p. 204-205)

Embora a esperança seja elemento intrínseco à vida da personagem, ela nunca poderá concretizar-se, já que isso resultaria na satisfação do conflito entre realidade interior e exterior do sujeito, ao contrário, ela terá sempre de escapar escorregadia. Já a recordação mantém o indivíduo preso ao momento, que lhe parece quase vivo; ele tem contato com o que passou e com que o foi perdido, e como consequência, traz à tona a sensação de fracasso. Porém, o fracasso, aquilo que não foi atingido em vida é que configurará a plenitude desta, o seu valor e legitimidade.

No romantismo da desilusão não há a possibilidade de superação na luta entre interioridade e exterioridade do sujeito, nas lembranças ele está definitivamente separado do objeto: "a recordação, do ponto de vista da subjetividade presente, apreende a discrepância entre o objeto como era na realidade e o seu modelo

desejado como ideal pelo sujeito" (LUKÁCS, 2000, p. 135).

João Ternura nasceu cheio de esperanças, mas a vida tratou de frustrá-las uma a uma. Passou sua existência à espera que lhe fossem desvelados os segredos da vida, o que, igualmente, não veio.

> "Entrava, saía, voltava, saía de novo. à procura de quê, não sabia.
>
> As coisas perdiam a consistência, fugiam. Ninguém lhe dava atenção, ninguém dava atenção a ninguém. Sentia-se à margem, como nos primeiros tempos da chegada. Excluído de tudo, excluído mesmo do mundo físico, tinha a sensação de que perdera o contato com as raízes do universo. Não mais corpo químico, espírito ou o que fosse a circular na atmosfera.
>
> (...)
>
> Pela primeira vez pensou na morte.
>
> (...)
>
> Não se lembrava de tristeza igual. Terrível a certeza de que os dias iam se repetir, e de que não haveria solução.
>
> Sempre o sustentara a esperança de que vinha pela frente o acontecimento maior, a grande surpresa, o milagre. Não sabia o que era, nem queria indagar. Apenas sabia que vinha, pois estava ainda em preparativos. E agora? Mudaria o mudaria o mal-estar?" (MACHADO, 2004, p. 141)

No final de tudo, o seu elemento extraordinário é que seu destino consiste, paradoxalmente, em não ter destino, vagar neste mundo que nunca esteve ao alcance de sua alma. Esse é o herói do romantismo de Lukács, um indivíduo desintegrado, triste, desterritorializado e que não encontrou o motivo de sua existência na realidade do mundo moderno.

Referências

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar:* A Aventura da Modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

COUTINHO, Afrânio. (org.) *A Literatura no Brasil. Vol. 5 – Era Modernista*. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo: Editora 34, 2000.

MACHADO, Aníbal M. *João Ternura*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MARTINS, Willian Mendes. A modernidade e a teoria do romance de G. Lukács. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 8, n.3, p. 263-273, 2008.

RÓNAI, Paulo. **João Ternura veio substituir Aníbal Machado.** *Pois é: ensaios.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

WISNIK, José Miguel. **Bola ao alto**. In: *Veneno Remédio:* o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em 2013-08-01
Publicado em 2013-10-06